

TERAPIA HOMEOPÁTICA EM DERMATOPATIAS DE GATOS – REVISÃO DE LITERATURA

[Homeopathic therapy in skin diseases of cats – Literature review]

Aline Soares Barbosa^{1*}, Bruna Del Nero¹, Carlos Eduardo Ambrosio²

¹ Discente do curso de Medicina Veterinária da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da Universidade de São Paulo – USP, Pirassununga, SP, Brasil.

² Docente do Departamento de Medicina Veterinária da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da USP, Pirassununga, SP, Brasil.

RESUMO - Diversas dermatopatias de gatos tem importância na rotina da clínica médica veterinária. Muitas destas apresentam-se de forma crônica, e os proprietários dos gatos acometidos geralmente recorrem a médicos veterinários que prescrevem tratamentos alopatícos na tentativa de resolver sinais clínicos evidentes na maioria dessas condições, como prurido, alopecia e descamação. A homeopatia muitas vezes surge como última alternativa para estes proprietários, que diante do insucesso frequente da terapia com antimicrobianos, pomadas e até corticoides resolvem experimentar tratamento diferente. Há anos o uso de medicamentos homeopáticos tem sido descrito para dermatopatias em animais de companhia, e o sucesso foi experimentado na grande maioria dos casos. A presente revisão bibliográfica tem por objetivo a reunião de informações acerca do histórico da homeopatia como tratamento de dermatopatias de gatos diversas, abordando tanto os medicamentos receitados quanto as doenças tratadas e o sucesso relatado.

Palavras-Chave: Homeopatia, Felinos, Dermatologia.

ABSTRACT - Several dermatopathies are important in the veterinary clinic routine. Many of them appear as chronic conditions, and the owners of the affected cats usually resort to veterinarians who prescribe allopathic treatments trying to reduce evident clinical signs as itch, alopecia and peeling. Homeopathy generally arises as the last alternative to these owners, who decide to experience a different therapy after frequent failures treating with antimicrobians, ointments and even corticoids. The use of homeopathic remedies in pet dermatopathies has been described for years, and in most cases success has been related. This review aims the gathering of information about the history of homeopathy as treatment of various dermatopathies of cats, approaching both the medicine prescribed and the skin diseases treated, as well as the success margin described.

Keywords: Homeopathy, Felines, Dermatology.

INTRODUÇÃO

As dermatopatias constam entre as doenças mais comuns apresentadas pelos gatos domésticos da atualidade. Estes animais sofrem com afecções de origem infecciosa, alérgica, psicogênica, ou mesmo multifatorial, que devem ser devidamente identificadas pelo médico veterinário e adequadamente tratadas, de modo a restaurar a saúde da pele e do pelame destes pacientes e devolver-lhes a condição de bem-estar. O reconhecimento de uma dermatopatia envolve a investigação detalhada do histórico do animal, associada a um exame físico minucioso, aos conhecimentos do profissional e aos

exames complementares julgados necessários para a confirmação do diagnóstico.

Uma vez diagnosticadas, as diferentes dermatopatias dos felinos requerem abordagens terapêuticas diversas para sua resolução; seu tratamento necessita de comprometimento e paciência por parte do proprietário para que seja efetivo.

Devido ao grande número de enfermidades da pele e também à dificuldade em tratá-las, o ramo da homeopatia veterinária vem surgindo ao longo dos anos como uma alternativa de tratamento para essas afecções. O tratamento alopatíco para as doenças da pele muitas vezes é demorado, oneroso e deletério, o

* Autor para correspondência: aline.soares.barbosa@usp.br

que desencoraja muitos proprietários e os leva a buscar outras alternativas, dentre elas, a homeopatia.

A terapia homeopática já é uma alternativa considerada para o tratamento das dermatopatias por alguns médicos veterinários, como no caso de eczemas, prurido e erupções cutâneas (KAYNE, 1992), dermatite alérgica (GIMENES, 2002), dermatose por lambadura (TORRO et al., 2004), complexo granuloma-eosinofílico felino (ABOUTBOUL, 2006), dermatite atópica (MATHIE et al., 2010) e até mesmo em casos de pulicose (ARENALES et al., 1994).

Assim, o presente trabalho visou compilar as diversas dermatopatias dos felinos e reunir informações acerca de homeopáticos utilizados em seu tratamento por diversos autores e o sucesso relatado.

ECTOPARASITAS

O ectoparasita mais comum do gato, a pulga *Ctenocephalides felis*, é responsável pelo surgimento de uma condição clínica de hipersensibilidade, conhecida como DAPP (dermatite alérgica à picada de pulga), na qual o animal se torna sensível aos componentes antigênicos presentes na saliva da pulga. Ocorrem reações de hipersensibilidade de tipo I e IV com liberação tardia de imunoglobulina E (IgE) e resposta cutânea basofílica, como relatado por FOSTER (2004). As manifestações clínicas resultantes podem ser prurido, trauma auto-inflingido secundário, alopecia assimétrica no abdômen ventral, dorso e base da cauda, dermatite crostosa papular e complexo granuloma-eosinofílico.

De acordo com FOSTER (2004), o programa de controle anti-pulga deve basear-se na aplicação de produto parasiticida no dorso do animal, associado à aplicação de produtos específicos no ambiente habitado pelo animal, de modo a dizimar ovos, pulgas jovens e adultas. Os produtos *spray-on* ou *pour-on* comumente utilizados no controle de pulgas são à base de fipronil, imidocloprida e selamectina, e podem ser utilizados em regime mensal. Já os produtos destinados ao ambiente incluem metrofeno, piriproxifen e ciromazina como inibidores de crescimento, usualmente com a permetrina como adjuvante.

A sarna otodécica, causa de otite externa e dermatite nos gatos, é outro problema desencadeado por um ectoparasita, o ácaro *Otodectes cynotis*. Ele habita o canal auditivo externo, onde se alimenta de debris epidermais e fluidos teciduais. Este ácaro causa

irritação mecânica do conduto auditivo, podendo haver uma resposta de hipersensibilidade aos seus produtos. Sinais agudos de irritação podem ser observados no início da infecção. O diagnóstico da sarna otodécica geralmente é feito com auxílio de otoscopia e é confirmado através da identificação de ovos dos ácaros durante escovações do pêlo, em raspados ou cera do conduto auditivo. Muitas opções de tratamento estão disponíveis, como a selamectina, a ivermectina e o fipronil, devendo ser instituídas em todos os animais da habitação, devido ao alto potencial de transmissão (FOSTER, 2004). Outros ácaros também causam problemas de pele em gatos, como é o caso do *Sarcoptes scabiei* (sarna sarcóptica) e do *Notoedres cati* (sarna notoédrica), embora menos frequentes.

ALERGOPATIAS

Doenças alérgicas compõem a maioria das doenças de pele observadas em gatos (FOSTER, 2004). Uma grande variedade de manifestações está associada a estes casos, incluindo dermatite miliar (crostosa papular), prurido e alopecia simétrica. Essas doenças, na maioria das vezes, são causadas por reações alérgicas a parasitas (pulgas, mosquitos, ácaros), alérgenos alimentares ou alérgenos inalados (doença atópica). Os fatores que podem determinar o prurido nos gatos devem ser investigados a fundo, para refletir a complexidade do problema do animal. As doenças alérgicas geralmente estão relacionadas a reação de hipersensibilidade do tipo I, envolvendo IgE, mastócitos, células de Langerhans e células T. No entanto, seu mecanismo nos gatos ainda não é muito bem compreendido, como em outras espécies (FOSTER, 2004).

A alergia alimentar é comumente relatada em gatos, embora a patofisiologia dessa síndrome ainda não esteja completamente compreendida. Reações adversas aos alimentos podem ser tanto tóxicas quanto não-tóxicas, sendo que as não-tóxicas dividem-se em intolerância alimentar e reações alérgicas. A alergia alimentar é definida como uma reação imunológica exagerada a substâncias contidas no alimento, diferentemente da intolerância alimentar, em que deficiências enzimáticas, fatores farmacológicos e reações tóxicas podem estar envolvidos (FOSTER, 2004). Os alérgenos envolvidos incluem leite, carne bovina, carne de carneiro, carne de porco, frango, carne de coelho e de cavalo, ovos e peixe. Não existe uma fonte proteica hipoalérgica para gatos. Reações adversas a corantes, aromatizantes e conservantes são raras (FOSTER, 2004).

Sinais clínicos de alergia alimentar incluem prurido não-estacional, principalmente em região de cabeça e pescoço, incluindo otite externa, dermatite miliar, alopecia simétrica, placas eosinofílicas e dermatite ulcerativa secundária a trauma auto-inflingido. Ocasionalmente pode-se observar vômito e diarreia.

O diagnóstico da alergia alimentar é feito alterando-se a dieta do animal, instituindo proteínas e carboidratos a que o gato ainda não tenha sido exposto e observando melhora dos sinais clínicos, com posterior retorno da sintomatologia uma vez que a dieta original seja reinstituída; este processo pode ser bastante demorado, visto que se baseia em tentativa e erro.

REAÇÕES AO AMBIENTE: DERMATITE ATÓPICA

A dermatite atópica define-se como uma predisposição ao desenvolvimento de anticorpos IgE em resposta a alguns alérgenos do ambiente, resultando em doença alérgica, e se trata de uma condição comumente observada em gatos, embora ainda não seja inteiramente compreendida nessa espécie. Sugere-se que não há predisposição racial associada a esta patologia (FOSTER, 2004). A doença atópica pode estar associada à reação do organismo a outras causas de doença de pele, como a presença de pulgas, exposição ao pólen, insetos e ácaros, necessitando de um extenso diagnóstico diferencial. Os sinais clínicos observados incluem prurido, com lesões secundárias devido à lambidura excessiva. Muitas vezes, instalam-se infecções fúngicas ou bacterianas nas lesões que podem complicar o quadro e confundir sua apresentação clínica. O diagnóstico da dermatite atópica depende de uma avaliação criteriosa do histórico do animal e do uso apropriado de exames complementares, de modo a eliminar outras possíveis causas de prurido.

Excluindo-se as outras possibilidades, pode-se testar o animal para a presença de anticorpos IgE alérgico – específicos. O gato deve ser testado para diversos alérgenos, embora muitos animais sem evidência de doença de pele possam apresentar resultados positivos, indicando exposição ao alérgeno. O tratamento se baseia em uma imunoterapia alérgeno-específica (ASIT), efetiva em 70% dos casos e com raros efeitos adversos (FOSTER, 2004). A resposta ao tratamento é influenciada pela correta identificação do alérgeno e pelo controle dos fatores secundários, como as pulgas.

Muitas vezes, o gato que apresenta prurido necessita ser tratado sem que se tenha atingido o diagnóstico

definitivo, que apesar do controle de pulgas e os testes para alérgenos ambientais e alimentares, pode não ser atingido. O manejo terapêutico dos gatos alérgicos tem sido feito com glicocorticoides e anti-histamínicos (FOSTER, 2004). A terapia anti-histamínica precisa ser empregada por duas a três semanas antes de a resposta ser avaliada. Os efeitos colaterais estão relacionados à sedação, devido à capacidade dessas drogas de transpor a barreira hematoencefálica. Se for provada efetiva, os anti-histamínicos deverão ser administrados diariamente, por tempo indeterminado. Os anti-histamínicos comumente empregados no tratamento do prurido em felinos são a clemastina, hidroxizina, clorfeniramina, ciproheptadina e difenidramina (FOSTER, 2004).

Os glicocorticoides podem ser administrados por injeção, por via oral ou mesmo por aplicação tópica. O acetato de metilprednisolona, por exemplo, pode ser administrado por injeção subcutânea para a maioria dos gatos, na dose de 20mg (ou 4mg/kg) a cada duas ou três semanas, em três injeções. Esse tratamento é capaz de manter a dermatite sob controle, e então doses de manutenção devem ser aplicadas a cada 6 a 12 semanas (FOSTER, 2004). Por via oral, os esteroides comumente utilizados são a prednisolona ou a metilprednisolona, em dose inicial de 1-2mg/kg SID. Depois de 7 dias, a dose pode ser reduzida à metade para tratamento por mais 7 dias, e então poderá ser instituída a terapia em dias alternados. A dose para tratamento em dias alternados pode ser reajustada a cada 2 a 3 semanas (FOSTER, 2004). A longo prazo, alguns efeitos colaterais podem surgir em decorrência da terapia com corticosteroides, tais como polidipsia, polifagia, ganho de peso, diabetes mellitus, cistite bacteriana, hiperadrenocorticismismo iatrogênico, dermatofitose, demodicose e úlcera gástrica (FOSTER, 2004).

COMPLEXO GRANULOMA-EOSINOFÍLICO FELINO

O complexo granuloma-eosinofílico felino também é uma dermatopatia relevante entre os gatos domésticos. Ele se apresenta em três formas: placa eosinofílica, úlcera eosinofílica e granuloma colagenolítico, as quais possuem padrões histológicos diferentes e levam a alterações cutâneas também diversas, sendo que as 3 formas podem ser concomitantemente observadas no mesmo animal. A placa eosinofílica é uma lesão pruriginosa e ulcerativa que se manifesta em qualquer parte do corpo do animal, mas particularmente na porção ventral do abdômen. É considerada uma manifestação de uma doença cutânea alérgica e é

vista normalmente em gatos jovens, devido ao seu estado de eosinofilia. Através de trauma auto-inflingido, a epiderme pode apresentar-se com erosões e úlceras. A derme apresentará uma infiltração difusa de eosinófilos. É comum a ocorrência de hipersensibilidade à picada de pulgas e doença atópica concomitantes à placa eosinofílica. O tratamento é semelhante ao exposto para a doença atópica.

A úlcera eosinofílica manifesta-se como ulcerações uni ou bilaterais bem definidas, na região do lábio superior ou adjacentes ao dente canino superior. As áreas ao redor da úlcera tornam-se aumentadas e adquirem coloração rósea amarelada. A face pode tornar-se deformada em casos de lesões bastante extensas. Afirma-se a existência de evidências de que as lesões façam parte de uma resposta alérgica a pulgas e outros alérgenos (FOSTER, 2004). Em outros casos, suspeita-se de predisposição genética, quando as lesões surgem em colônias de gatos aparentados, livres de patógenos. Ainda, muitas vezes a causa não é determinada. As lesões ulcerativas não são pruriginosas ou dolorosas. Histologicamente, o tecido encontra-se hiperplásico, com ulceração perivascular superficial e dermatite fibrosa com presença de neutrófilos e células mononucleares. As lesões menores comumente não necessitam de tratamento, enquanto as mais extensas devem ser tratadas com antibioticoterapia (trimetropim associado a sulfa, amoxicilina associada a ácido clavulânico, cefadroxil) e tratamento com glicocorticoides pode ser considerado, incluindo injeções intralesionais (FOSTER, 2004).

O granuloma eosinofílico está associado à presença de eosinófilos na circulação periférica, e não há predisposição racial, etária ou sexual, embora gatos jovens (menos de 2 anos) possam ter cura espontânea do quadro (FOSTER, 2004). As lesões granulomatosas estão associadas a doenças alérgicas em alguns casos, e podem também ter predisposição genética. O prurido não é um sinal clínico frequente. Observa-se granulomas nodulares dentro da cavidade oral, sobre a língua, sobre o palato duro e sobre os arcos palatinos, com ou sem a presença de granulomas eosinofílicos cutâneos ou placas (FOSTER, 2004). Pode estar associado a halitose, anorexia e hipersalivação. As lesões podem ser únicas ou agrupadas, nodulares, lineares, papulares e ulceradas, e presentes em qualquer lugar do corpo, principalmente a porção medial dos membros anteriores e porção caudal do fêmur, de orientação linear. O dorso do focinho e os coxins também podem ser afetados. As lesões costumam ser eritematosas, aumentadas e alopecias, com áreas de

degeneração de colágeno. Devem ser diferenciadas de neoplasias, abscessos, reação inflamatória a corpo estranho, infecção fúngica, granuloma estéril e variola. As lesões da cavidade oral são as mais difíceis de solucionar, sendo que muitas vezes necessitam de intervenção cirúrgica e altas doses de glicocorticoides (FOSTER, 2004).

DISTÚRBIOS PSICOGÊNICOS

Dentre os distúrbios psicogênicos associados a alterações de pele e pelagem nos gatos, destaca-se a alopecia psicogênica. Raramente ela será uma doença primária, ocorrendo geralmente de forma secundária a outras patologias da pele que geram o prurido intenso. Muitas vezes a doença primária consegue ser eliminada, porém, o animal desenvolve um comportamento de lambedura estereotipado, que se perpetua, determinando o quadro de alopecia (FOSTER, 2004). A patogênese do comportamento estereotipado de lambedura, arrancamento de pelos e auto-sucção pode incluir hormônios da pituitária, como o hormônio α -melatoninoestimulante (α -MSH), produzido como parte da resposta ao estresse e leva à produção de endorfinas que reduzem o comportamento de auto-limpeza, porém é viciante. Animais com alopecia psicogênica apresentam alopecia simétrica generalizada em várias porções do corpo, por exemplo na porção medial dos membros anteriores, porção caudal do abdômen, região inguinal e cauda (FOSTER, 2004). Nos casos crônicos, as lesões podem apresentar-se engrossadas e hiperpigmentadas, porém são ausentes ulcerações e crostas. A doença pode estar associada a mudanças no estilo de vida do gato, com a chegada de pessoas ou animais novos em seu ambiente ou a perda de um membro da família, ou mudanças de rotina (os sinais aparecem apenas quando os proprietários viajam, por exemplo) (FOSTER, 2004).

Os pelos crescem novamente se um colar Elizabethano for instituído, e mudanças ambientais precisam ser feitas para que o animal retome seu comportamento habitual. Alguns veterinários recomendam o uso de progestágenos, como o acetato de megestrol, devido ao seu efeito no núcleo hipotalâmico e sua atividade semelhante a glicocorticoides (FOSTER, 2004). No entanto, seu uso a longo prazo pode determinar a ocorrência de poliúria, polidipsia, hiperplasia das glândulas mamárias, possível neoplasia, diabetes mellitus e síndrome de Cushing iatrogênica. O uso de tranquilizantes como o diazepam tem sido sugerido, porém apresenta sucesso muito variável e seu uso prolongado desencadeia dependência ou mesmo hepatopatias (FOSTER, 2004). Outras drogas

utilizadas no tratamento da alopecia psicogênica incluem a amitriptilina, clomipramina, haloperidol, e esteroides, porém, modificações na rotina do animal e a introdução de enriquecimento ambiental mostram-se mais efetivos e menos deletérios (FOSTER, 2004).

MICROORGANISMOS

Diversos microrganismos são capazes de desencadear dermatopatias infecciosas, sendo os fungos e as bactérias os principais agentes. A *Malassezia pachydermatis*, por exemplo, é um fungo oportunista responsável por dermatites bastante significativas. Alguns fatores predisponentes a essa infecção incluem alterações no microclima da pele paralelamente a doenças alérgicas submetidas a tratamento crônico com corticosteróides e antibacterianos (FOSTER, 2004). Alguns casos associam-se a infecções virais por retrovírus e herpesvírus, ou ainda a neoplasias, tais como timoma e síndrome de alopecia paraneoplásica associada a neoplasias hepáticas e pancreáticas. Os sinais clínicos apresentados podem ser generalizados ou localizados nas regiões dos membros posteriores, orelhas e queixo, e o prurido observado costuma ser bastante severo (FOSTER, 2004). A pele torna-se eritematosa, hiperpigmentada, oleosa e adquire um mal odor. Observa-se também otite externa com a presença de cerúmen enegrecido, podendo estar presente um exsudato seroso próximo à base dos membros, devido ao comportamento de limpeza e de coçar-se. O tratamento é feito por meio de banhos com shampoos a base de miconazol e clorexidina, ou outros agentes, duas vezes por semana. O tratamento sistêmico com drogas fungistáticas, como o fluconazol, também é recomendado (FOSTER, 2004). Outros fungos são importantes causadores de dermatofitoses em gatos, como *Microsporum canis*, *Trichophyton mentagrophytes* e *Microsporum gypseum* (FOSTER, 2004). Infecções pelo gênero *Trichophyton* estão associadas a contato com roedores, enquanto o *M. gypseum* pode ser adquirido em solo contaminado (FOSTER, 2004). Observa-se invasão das camadas superficiais da pele, com a ruptura enzimática de queratinócitos. O hospedeiro responde à infecção com aumento da proliferação das células da epiderme e a produção de fatores que inibem o crescimento fúngico, como a transferrina. A epiderme produz mediadores inflamatórios que aumentam o influxo de neutrófilos e macrófagos, que por sua vez, produzem enzimas que matam os fungos, como as proteases (FOSTER, 2004).

A doença apresenta-se de diversas formas; os sinais clássicos incluem alopecia e descamação, mas

também pode haver foliculite, furunculose, onicomicose e granulomas. Alguns gatos apresentam paroníquia como o único sinal clínico (FOSTER, 2004). Existem produtos comerciais de aplicação tópica e local para o tratamento de dermatofitoses, porém, a cura efetiva depende principalmente da capacidade de resposta imune do hospedeiro. Animais com lesões generalizadas ou infecção crônica necessitam de tratamento sistêmico, porém as drogas comumente utilizadas são contra-indicadas para animais gestantes e não são completamente seguras para uso na espécie felina. São elas a griseofulvina, imidazol, itraconazol, terbinafina e lufenuron (FOSTER, 2004).

O fungo *Sporothrix schenckii*, um saprófito presente no solo, é o causador de uma importante micose que acomete o gato doméstico: a esporotricose. Ele adentra o organismo do hospedeiro através de feridas, e pode evoluir para infecções cutâneas, ou mesmo infecções que se estendam aos vasos linfáticos ou que se tornem sistêmicas (FOSTER, 2004). Os gatos acometidos apresentam secreção bastante evidente em locais de mordidas ou arranhões devido a brigas. O microrganismo pode ser detectado por citologia feita do exudato proveniente das lesões, por exame histopatológico ou ainda através de cultura de tecidos (FOSTER, 2004). Devido ao seu potencial zoonótico, deve-se ter cuidado ao manejo dos animais acometidos.

Outra importante infecção fúngica que acomete o gato doméstico é a criptococose. A via de transmissão exata não é conhecida, mas provavelmente ocorre através da inalação dos microrganismos presentes no ar, pois o trato respiratório superior é o local mais comum da instalação primária da infecção (FOSTER, 2004). O animal desenvolve então sinais como espirros, corrimento nasal e dispneia inspiratória. Os sinais apresentados que envolvem a pele incluem lesões cutâneas de múltiplos pontos de drenagem, abscessos, úlceras, pápulas e nódulos, principalmente localizados na face e nos membros.

A infecção pode estar associada a imunossupressão devido a terapia com glicocorticoides, ou também a infecção por retrovírus (FOSTER, 2004). Existem diversos testes que podem auxiliar no diagnóstico da infecção, porém, ela é confirmada apenas pela cultura de *Cryptococcus neoformans* ou *C. gattii* a partir de biópsia da pele do hospedeiro. O tratamento pode ser cirúrgico, com excisão das porções lesionadas da pele, porém, quando há lesões múltiplas, opta-se pelo tratamento terapêutico com antifúngicos como o itraconazol e o fluconazol.

Testes sorológicos são utilizados para monitorar a resposta ao tratamento (FOSTER, 2004).

DOENÇAS AUTO-IMUNES

Algumas doenças imunomediadas também podem ser responsáveis por problemas de pele nos gatos domésticos, como é o caso do pêfígo foliáceo, a forma mais comum de doença autoimune da pele nessa espécie, e importante causa de lesões podais. Sua patogênese na espécie felina é pouco conhecida, porém, a doença já foi associada a erosões primárias devido ao uso de determinados fármacos, como a cimetidina e a ampicilina (FOSTER, 2004). Não há predisposição racial, sexual ou etária para sua ocorrência. As lesões da pele localizam-se normalmente ao redor da cabeça, principalmente no plano nasal, ao redor dos olhos, na cauda e na porção ventral do abdômen. As lesões consistem em pústulas e vesículas transitórias, que são substituídas por erosões, crostas e regiões alopecicas (FOSTER, 2004). Os gatos podem sentir desconforto à manipulação da pele e podem apresentar letargia, abatimento e linfadenopatia periférica. Perda de peso também ocorre em algumas situações e os coxins tornam-se hiperqueratóticos. A terapia inicial para doenças autoimunes nos gatos, de acordo com FOSTER (2004), é feita a base de prednisolona na dose de 2mg/kg, 2 vezes ao dia, por 10 a 14 dias, que em seguida é reduzida para dias alternados.

Gatos que não respondem bem à terapia com esteroides podem ser tratados com clorambucil em associação aos esteroides no início, para então evoluírem para o uso de esteroides apenas. A azatioprina também tem sido utilizada como imunossupressora e imunomoduladora no tratamento de doenças autoimunes da pele na espécie felina.

Alguns efeitos adversos decorrentes do seu uso incluem mielossupressão, hepatotoxicidade, vômito, paniculite, erupções na pele e alopecia, o que limita seu uso nessa espécie (FOSTER, 2004).

A TERAPIA HOMEOPÁTICA NA MEDICINA VETERINÁRIA

A homeopatia, conhecida há séculos em todo o mundo, é constantemente considerada uma terapia alternativa àquelas tão sedimentadas e praticadas por profissionais da área médica. Na maior parte das vezes, proprietários de cães e gatos recorrem ao tratamento com medicação homeopática como última opção diante de enfermidades crônicas ou mesmo terminais, quando não há sucesso com

sucessivas tentativas de terapia alopática ou quando intervenções cirúrgicas apresentariam alto risco de vida.

A terapia homeopática tem por fundamento a lei da semelhança, baseando-se, portanto, no tratamento de um paciente através da prescrição de um preparado que, quando administrado a um indivíduo sadio, produza os mesmos sintomas que aqueles constatados no paciente que se deseja curar. A experimentação no indivíduo sadio das diferentes medicações é, assim, um dos princípios da homeopatia. Os sintomas observados em um paciente em determinada condição patológica deverão ser os mais compatíveis possíveis com os constatados na experimentação prévia da medicação homeopática que se deseja receitar, para que este preparado homeopático seja eleito ao tratamento – medicamentos mal-escolhidos apresentam risco à saúde do paciente, já que podem produzir outros sintomas ou mesmo agravar a situação do indivíduo. A seleção dos sintomas do paciente deve abordar tanto os aspectos gerais e físicos da enfermidade quanto os mentais.

O medicamento homeopático age por meio de um estímulo na energia vital do ser, com o propósito de torná-lo apto a curar-se da condição alterada em que se encontra. Os preparados são obtidos através do processo de dinamização, que consiste na diluição de determinada substância (oriunda da trituração de matéria pertencente a qualquer um dos três reinos da natureza) em álcool e/ou água (reduzindo assim sua concentração) e a posterior succussão (agitação) da solução. Como resultado do atrito entre as moléculas do diluente e do composto selecionado, este procedimento libera o poder medicinal latente presente na substância bruta. Assim, quanto maior o número de dinamizações às quais a solução for submetida, maior o poder terapêutico do medicamento homeopático.

Após pesquisa, os medicamentos homeopáticos prescritos com maior frequência para tratamento de dermatopatias de gatos foram selecionados. O presente trabalho revisa a aplicabilidade de cada um em relação às diferentes doenças de pele da espécie, bem como as taxas de sucesso obtidas em cada tratamento, a partir de trabalhos previamente publicados por profissionais da área de medicina veterinária.

HOMEOPÁTICOS E AS DERMATOPATIAS DO GATO DOMÉSTICO

Os medicamentos homeopáticos são, na maioria das vezes, prescritos após repertorização, e não a partir da doença que é diagnosticada. A repertorização consiste na seleção dos sintomas físicos e psicológicos mais relevantes do paciente em determinada condição patológica, considerando para o correto discernimento da importância de cada sintoma diversos fatores intrínsecos e extrínsecos ao animal doente. Os sintomas relevantes selecionados devem então ser associados a um ou mais medicamentos homeopáticos específicos de acordo com o princípio da semelhança, descrito previamente neste trabalho.

Há vinte anos, KAYNE (1992) discorreu sobre o aumento do número de prescrições de medicamentos homeopáticos em medicina veterinária. Considerou que, na época, a homeopatia encontrava-se em ascensão na prática após um período de reduzida procura por este tipo de terapêutica. Apesar disto, reforça a necessidade – já palpável desde aquele tempo – de pesquisas e estudos referentes à aplicação da homeopatia, bem como ao mecanismo de ação dos preparados, atribuindo a relutância entre profissionais da saúde em aceitar a prática a esta realidade. HOROWITZ (2003) reafirmou a importância da realização desses estudos, inclusive para sustentar discussões conhecidas sobre temas controversos acerca das medicinas alternativas e da alopatia – como, por exemplo, debates sobre a necessidade ou não de vacinações rotineiras como método de prevenção de enfermidades.

Nenhum estudo retrospectivo exclusivo sobre casos de dermatopatias de gatos foi realizado até o momento. Entretanto, alguns trabalhos referentes à casuística de determinados locais de atendimento envolvendo doenças diversas cujo tratamento preconizado constou em homeopatia – mesmo que somente parte da terapêutica adotada ao longo do curso da enfermidade – citam certas dermatopatias, fornecendo também dados sobre medicamentos homeopáticos administrados. Em um deles, BRUNELLI et al. (1998) destaca a frequência de atendimento de animais com patologias de pele no Serviço de Homeopatia Veterinária do Instituto Municipal de Medicina Veterinária Jorge Vaitsman em um período de dois anos. Em meio a 95 gatos atendidos, 8 apresentavam patologia cutânea. Os fármacos homeopáticos mais frequentemente prescritos nesses dois anos são citados no trabalho. Porém, estes não são correlacionados a casos específicos nos quais foram receitados, de forma que não é possível identificar qual(is) medicamento(s) foi(ram) mais receitado(s) a cada dermatopatia.

Por meio de questionários enviados a veterinários conhecidos por sua prática com homeopatia da Grã-Bretanha em 1992, KAYNE constatou que *Arsenicum album* e *Sulphur* eram os medicamentos homeopáticos mais receitados por este grupo a animais com dermatopatias (o primeiro, receitado a pacientes com eczemas, e o segundo a pacientes com prurido, cistos, erupções e outras condições de pele variadas), cujas espécies não são citadas.

O uso da *Staphysagria* (homeopático obtido da planta *Delphinium staphysagria*) no controle da pulicose entre os animais domésticos foi estudado por ARENALES et. al. em 1994. A ideia do estudo surgiu quando os autores refletiram sobre os efeitos indesejados causados pela maioria dos anti-pulgas utilizados na época (organofosforados), os quais inibem a colinesterase e apresentam uma estreita faixa de segurança, ocasionando hipersalivação, miose, micções frequentes, vômito e diarreia, entre outros efeitos. Além disso, já se observava o desenvolvimento de resistência a esses compostos. A experimentação consistiu na pulverização de *Staphysagria* no solo e nas camas das habitações dos animais infestados por pulgas, e também em sua aplicação nos próprios animais e nos proprietários que alegavam estarem infestados. Observou-se efeito positivo no controle de pulgas do ambiente e do homem a curto-prazo, porém, não foi notado efeito significativo no controle das pulgas que parasitavam os animais. Concluiu-se maior efetividade do tratamento contra a população de pulgas jovens. Os autores salientaram a necessidade de novos estudos aprofundados, não descartando a possibilidade de efetividade completa do homeopático.

Em monografia, GIMENES (2002) cita um caso clínico de dermatopatia em felino no qual a homeopatia foi instituída como tratamento. Os sinais clínicos observados na gata foram falhas no pelo e na pele generalizadas e presença de conteúdo purulento; o diagnóstico foi dermatite alérgica a produtos de limpeza. O tratamento foi estabelecido com *Sulphur*, após tentativas terapêuticas alopatícas repetidas e ineficazes da proprietária. A autora refere melhora significativa do quadro do animal (lesões purulentas foram gradativamente desaparecendo e a gata passou a aceitar mais o contato com as pessoas – segundo descrição do caso, o animal era bravo e “sistemático”).

TORRO et al. (2004) estudaram especificamente a dermatose por lambadura em relação a homeopatia. Em dois anos, no Hospital Veterinário da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo, foram atendidos 21 gatos com tal diagnóstico, e os medicamentos

homeopáticos mais prescritos a estes foram, em ordem de maior frequência, *Arsenicum*, *Phosphorus*, *Lachesis*, *Pulsatilla* e *Sepia*.

ABOUTBOUL (2006) verificou que, em oito anos, 15 dos 20 casos de complexo granuloma eosinofílico atendidos na Clínica Veterinária Animam foram registrados constando tratamento homeopático. Destes 15, 10 gatos foram curados (um proprietário recusou o tratamento, três descontinuaram o tratamento e um desistiu após semanas do início da terapia) com a administração de preparados homeopáticos originados a partir de venenos de cobras (*Lachesis*, *Crotalus horridus* e *Cenchrus contortrix*, principalmente, em ordem decrescente de frequência de prescrição).

MATHIE et al. (2010) realizaram um estudo prospectivo piloto de investigação no qual gatos com diagnóstico de dermatite atópica apresentaram melhora significativa a total após terapia com homeopáticos; *Sulphur* e *Pulsatilla* são citados entre os medicamentos mais prescritos.

Em revisão de literatura, MATHIE et al. (2010) constataram que não havia até o momento estudos de teste casualizado referentes a eficácia da homeopatia como terapia para afecções de gatos. No mesmo trabalho, são relatados resultados significativamente positivos decorrentes da utilização de homeopáticos no tratamento de dermatites em felinos, registrados por profissionais da área residentes na Inglaterra e Escócia e proprietários de animais. De qualquer forma, esta pesquisa não foi randomizada ou mesmo controlada, e os autores reforçam a necessidade de realização de estudos deste tipo abordando a espécie felina para elaborar constatações de maior credibilidade.

Em revisão mais recente, ŠURAN & SINDIČIĆ (2012) afirmam que a dificuldade em obter dados científicos referentes a mecanismos de ação e eficácia de fármacos homeopáticos é diretamente influenciada pelo fato de que a homeopatia é fundamentada em evidências subjetivas – em contrapartida à ciência, baseada essencialmente em objetividade e comprovação.

CONCLUSÃO

É notável a necessidade de terapias alternativas e inovadoras no tratamento das dermatopatias em Medicina Veterinária, principalmente no que concerne o tratamento aplicado a uma espécie com tantas particularidades como a espécie felina. Muitos dos tratamentos alopatóicos convencionais não

apresentam efetividade satisfatória, ou mesmo, concomitantemente ao benefício proporcionado, desencadeiam efeitos deletérios bastante indesejáveis.

A homeopatia vem mostrando-se uma alternativa interessante no tratamento de diversas afecções, dentre elas, as que acometem a derme do gato doméstico. A questão vem sendo estudada há muitos anos, mas ainda assim, não se possui muitas conclusões satisfatórias e definitivas entre a comunidade científica, principalmente devido ao fato de que a eficácia de fármacos homeopáticos é fundamentada em evidências subjetivas.

Até o presente momento, a literatura disponível acerca desta questão demonstra efetividade no tratamento de algumas dermatopatias de felinos com homeopáticos. A efetividade do uso de venenos de cobras (*Lachesis*, *Crotalus horridus* e *Cenchrus contortrix*) no tratamento do complexo granuloma eosinofílico felino foi afirmada por ABOUTBOUL (2006), e o uso de *Sulphur* foi apreciado por GIMENES (2002) para o tratamento de dermatite alérgica a produtos de limpeza. *Arsenicum*, *Phosphorus*, *Lachesis*, *Pulsatilla* e *Sepia* também mostraram-se efetivos no tratamento de dermatose por lambedura, como descrito por TORRO et. al. (2004). MATHIE et. al. (2010) confirmam resultados satisfatórios no tratamento de dermatite atópica com *Sulphur* e *Pulsatilla*. Entretanto, outros homeopáticos ainda necessitam de maiores estudos acerca de sua real eficácia, embora mostrem um potencial positivo, como é o caso da *Staphygaria* no tratamento da pulicose, relatado por ARENALES et. al. (1994).

Muitas pesquisas ainda necessitam ser realizadas no âmbito da homeopatia veterinária. A área demonstra-se crescente com o passar dos anos, despertando o interesse de muitos pesquisadores, o que com certeza trará grandes benefícios para o tratamento das mais diversas patologias, entre elas as dermatopatias dos felinos domésticos. A partir do momento em que o tratamento homeopático for amplamente instituído e estandardizado, ganhando assim maior credibilidade entre os proprietários de animais de companhia, maior interesse haverá, conseqüentemente, em investimento nessa área. É necessário domínio amplo dos mecanismos de ação dos homeopáticos, bem como da patogenia exata das afecções da pele dos felinos, para que se possa atingir um tratamento efetivo pleno das mesmas através da homeopatia.

REFERÊNCIAS

Aboutboul, R. 2006. Snake remedies and eosinophilic granuloma complex in cats. *Homeopathy*, 95:15-19.

Arenales, M.C., Garcia, A.C., Paredes, A.M.C. 1994. Contribuição da homeopatia para o controle de pulgas (*Ctenocephalides felis* e *C. canis*) no meio ambiente. *Homeopatia Brasileira*, 1(2):79-83.

Brunelli, S. R. A., Pinto, L.F., Ribeiro, M.C. 1998. Casuística Ambulatorial do Serviço de Homeopatia Veterinária do Instituto Municipal de Medicina Veterinária Jorge Vaitsman. *Homeopatia Brasileira*, 4(1):507-513.

Carlini, E. L. A. 1988. Uma abordagem científica da homeopatia. *Ciência Hoje*, 7(39):52-59.

Foster, A.P. 2004. The Skin, p.73-123. In: Chandler, E.A., Gaskell, C.J., Gaskell, R.M. (ed.). *Feline Medicine and Therapeutics*. 3rd ed. *Blackwell Publishing*, Oxford.

Gimenes, C. C. M. 2002. *Homeopatia e o tratamento de algumas patologias de cães e gatos*. Monografia de Bacharelado em Ciências Biológicas, Faculdades Integradas da Fundação de Ensino Octávio Bastos, São João Da Boa Vista. 77p.

Horowitz, S. 2003. Integrative health care for pets: an overview of today's treatments. *Alternative Complementary Therapies*, 9(6):317-321.

Kayne, S. 1992. Homeopathic veterinary prescribing: A short pilot study. *British Homeopathic Journal*, 81:25-28.

Mathie, R. T., Baitson, E. S., Hansen, L., Elliott, M. F., Hoare, J. 2010. Homeopathic prescribing for chronic conditions in feline and canine veterinary practice. *Homeopathy*, 99:243-248.

Mathie, R. T., Hansen, L., Elliott, M. F., Hoare, J. 2010. Resultados del tratamiento homeopático prescrito en veterinaria clínica: estudio prospectivo, piloto, dirigido a la investigación. *Rev. Med. Homeopat.*, 3(1):23-31.

Pinto, L. F. 1998. Rumos da homeopatia veterinária no Brasil. *Homeopatia Brasileira*, 4(1):505-506.

Ruiz, R. 2002. *Da alquimia à homeopatia*. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração.

Souza, M. F. A. 2002. *Homeopatia veterinária*. Anais I Conferência Virtual Global Sobre Produção Orgânica de Bovinos de Corte, Corumbá: Embrapa Pantanal.

Šuran, J. & Sindjic, M. 2012. Homeopathy in veterinary medicine. *Veterinaria*, 61(12):93-101.

Torro, A. R. 2000. Homeopatia: a lei dos similares. *Cães & Gatos*, 90:32-33.

Torro, A. R., Larsson, C. E., Bonamin, L. V. 2004. Homeopatia e dermatoses por lambadura: estudo clínico. *R. Bras. Ci. Vet.*, 11(3):147-152.